



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

AYANNA CARLA DE MORAES GERÔNICO

**A VELHICE EM TEMPOS DE PANDEMIA:
UMA REVISÃO NARRATIVA SOBRE AGEISMO NO CENÁRIO DA COVID-19**

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

AYANNA CARLA DE MORAES GERÔNICO

**A VELHICE EM TEMPOS DE PANDEMIA:
UMA REVISÃO NARRATIVA SOBRE AGEISMO NO CENÁRIO DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação /Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Josevânia da Silva

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G377v Gerôncio, Ayanna Carla de Moraes.
A velhice em tempos de Pandemia [manuscrito] : uma
revisão narrativa sobre ageismo no cenário da Covid-19 /
Ayanna Carla de Moraes Gerôncio. - 2021.
25 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Josevânia da Silva ,
Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Ageismo. 2. Covid-19. 3. Velhice. 4. Envelhecimento. I.
Título

21. ed. CDD 305.26

AYANNA CARLA DE MORAES GERÔNCIO

A VELHICE EM TEMPOS DE PANDEMIA:
UMA REVISÃO NARRATIVA SOBRE AGEISMO NO CENÁRIO DA COVID-19

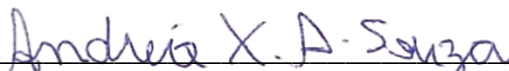
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação/ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 03/06/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Josevânia da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Andréa Xavier de Albuquerque de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Dedico aos que vieram antes de mim,
minhas avós e avôs.*

“Nadie puede deshacer lo que vivimos, eso ya fue, y quizá ese haber sido sea la forma más segura del ser.”

Viktor Frankl (Llegará un día en el que serás libre)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REVISÃO TEÓRICA.....	10
2.1. Influências culturais e o envelhecer na pós-modernidade	10
2.2. A pandemia como cenário catalisador do ageismo	12
2.3. Consequências do ageismo e o seu enfrentamento.....	18
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
4. REFERÊNCIAS	22

A VELHICE EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA REVISÃO NARRATIVA SOBRE AGEISMO NO CENÁRIO DA COVID-19

THE OLD AGE IN TIMES OF PANDEMIC: A NARRATIVE REVIEW ON AGEISM IN THE COVID-19 SCENARIO

Ayanna Carla de Moraes Gerôncio¹

RESUMO

Com o surgimento do coronavírus em 2019 e a pandemia da Covid-19 decretada em 2020, as pessoas inicialmente mais afetadas pelas formas mais severas da doença foram aquelas que fazem parte do designado grupo de risco, como as pessoas idosas. Este cenário trouxe à tona estereótipos acerca das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e, com isso, o ageismo e práticas discriminatórias em razão da idade ficaram mais evidentes. Este estudo teve por objetivo discorrer sobre como se caracterizou o preconceito contra a pessoa idosa durante a pandemia da Covid-19 a partir de uma revisão narrativa da literatura. A revisão teórica contemplou as influências sócio-históricas-culturais que envolvem nossa compreensão de envelhecimento e as velhices na sociedade pós-moderna; a pandemia como cenário potencializador do ageismo nos hospitais, espaços públicos e ambientes virtuais no Brasil e no mundo; bem como as consequências do ageismo e o seu enfrentamento, tendo em vista os impactos negativos do preconceito etário sobre a vida dos idosos. Diante da atualidade e relevância do tema, sugerem-se novas pesquisas que contemplem as velhices plurais, suas potencialidades e dificuldades, para assim compreender e combater o ageismo.

Palavras-chave: Ageismo. Covid-19. Velhice. Envelhecimento.

ABSTRACT

With the emergence of the coronavirus in 2019 and the Covid-19 pandemic enacted in 2020, the people initially most affected by the most severe forms of the disease were those who are part of the so-called risk group, such as the elderly. This scenario brought up stereotypes about people aged 60 or over and, with that, ageism and discriminatory practices due to age became more evident. This study aimed to discuss how prejudice against the elderly was characterized during the Covid-19 pandemic from a narrative review of the literature. The theoretical literature review contemplated the socio-historical-cultural influences that involve our understanding of aging and old age in postmodern society; the pandemic as a potentializing scenario for ageism in hospitals, public spaces and virtual environments in Brazil and in the world; as well as the consequences of ageism and its confrontation, in view of the negative impacts of age prejudice on the lives of the elderly. Considering the currentness and relevance of

¹ Graduanda do curso de Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
E-mail: ayannacmg@gmail.com

this theme, new researches are suggested to contemplate the plurality of old age, its potentials and difficulties, in order to understand and combat ageism.

Keywords: Ageism. Covid-19. Old age. Aging.

1. INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, foi detectado um surto de infecção por coronavírus (SARS-CoV-2²) na cidade de Wuhan, província de Hubei, China. Pouco tempo depois, não só a China como diversos países apresentaram um crescimento constante de casos e número de mortes e, pouco mais de um mês após o surto em Wuhan, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que aquela era uma emergência de saúde pública de importância internacional (OPAS/OMS, 2020). No Brasil, os primeiros casos foram identificados em fevereiro de 2020, e em 11 de março de 2020 a doença do coronavírus ou Covid-19³ foi então caracterizada enquanto pandemia pela OMS.

Ainda de acordo com a OMS (2020), o vírus se espalha através do contato direto, indireto (superfícies ou objetos contaminados) ou próximo (na faixa de um metro) com pessoas infectadas, que expõem secreções ou gotículas respiratórias ao falar, cantar, espirrar e tossir. Uma pessoa pega a Covid-19 quando essas gotículas atingem os olhos, nariz ou boca, por isso a importância do distanciamento social, da higiene das mãos e do uso de máscara – medidas recomendadas por inúmeros especialistas em saúde.

Pessoas de qualquer faixa etária estão passíveis de contrair a doença, porém “as pessoas idosas e as que têm outras condições de saúde como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, têm maior risco de ficarem gravemente doentes” (OMS, 2021). Embora exista diferença nas taxas de mortalidade entre os países, Barbosa et al (2020, p. 2) afirmam que a letalidade é maior na população idosa, apesar de haver uma maior incidência da doença na população adulta.

No Brasil, de acordo com o Boletim Epidemiológico Especial 63 referente à Semana Epidemiológica 19 de 2021 (p. 40), 60,4% dos óbitos notificados

² Respiratory syndrome (SARS) coronavirus 2.

³ Coronavirus disease 2019.

apresentavam pelo menos uma comorbidade (cardiopatia e diabetes foram as condições mais frequentes), e a maior parte destes indivíduos possuía 60 anos ou mais. Com o surgimento de novas variantes, porém, cada vez mais jovens vêm contraindo formas graves da Covid-19, o que sugere uma mudança no imaginário social de que apenas idosos estão sujeitos à evolução negativa do vírus.

Em razão da maior prevalência de quadros severos da doença em idosos inicialmente, as pessoas com 60 anos ou mais passaram a fazer parte do chamado grupo de risco para agravamento da Covid-19. Para a OMS (2021), o grupo de risco é aquele que tem um risco mais alto de desenvolver quadros graves da doença, e é composto por “idosos e pessoas com doenças não transmissíveis, como doenças cardiovasculares (por exemplo, hipertensão, doença cardíaca e derrame), doenças respiratórias crônicas, diabetes e câncer”. Assim, as pessoas idosas passaram a ser alvo dos maiores cuidados com a saúde, sendo necessário o isolamento e distanciamento social.

O isolamento social, essencial para reduzir a transmissão do vírus, também repercutiu na saúde mental da pessoa idosa de diferentes modos, sobretudo entre pessoas idosas em situação de vulnerabilidade social. Sentimentos de medo e angústia frente à morte foram intensificados por notícias que caracterizavam as pessoas idosas como grupo de risco. Além disso, a mudança na rotina pode ser brusca e as próprias condições típicas da senilidade contribuíram para gerar sofrimento psíquico entre as pessoas idosas.

Na pandemia da Covid-19, ficou mais evidente que o processo de envelhecimento é complexo e plural, que a velhice é vivenciada conforme o contexto de vida de cada pessoa. As condições sociais e econômicas não são as mesmas para todos, os arranjos familiares também não. Algumas pessoas idosas ainda precisam trabalhar, outras vivem em instituições de longa permanência. Além disso, há quem possua acesso à internet e faça uso de telefone celular para entrar em contato com parentes, há quem tenha dificuldade em manusear e acompanhar estas novas tecnologias (VELHO, HERÉDIA, 2020, p. 7). Esses aspectos evidenciam que a vivência deste período de pandemia foi atravessada pelo contexto social e histórico de cada sujeito – muitos idosos não possuem rede de apoio, condições financeiras, acesso a informações, entre outros aspectos.

As diferenças sociais são agravadas em situações como esta e a disseminação de visões reducionistas acerca do idoso convertido em “grupo de risco” não só tolhe o fenômeno plural que é a velhice, como ajuda a construir preconceitos novos ou reconstruir os remanescentes em uma nova roupagem. Allport (1954, p. 7 apud FERNANDES-ELOI et al, 2020, p. 2) conceitua o preconceito como “uma atitude aversiva ou hostil em relação a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente por ela pertencer a esse grupo”. Para definir o preconceito contra idade, utiliza-se os termos ageísmo, idadeísmo, etarismo, velhofobia ou gerontofobia. Todos referem-se à atitude de intolerância contra pessoas idosas, a qual sempre encontra novas formas de se apresentar, sutil ou intensamente.

Durante o período pandêmico e com o uso da internet como maior fonte de comunicação, o ageísmo marcou presença em piadas e *memes* nas mídias sociais, o que colabora com a desvalorização e estigmatização do indivíduo que, naturalmente, já sofria com esse tipo de preconceito. Mesmo parecendo inofensivo, o ageísmo recreativo afeta a saúde mental dos idosos em meio aos outros medos e inseguranças que surgem num momento de incerteza como este.

Em meio aos aspectos subjetivos de cada um e à relevância da promoção e preservação da saúde mental, este estudo considerou a seguinte questão de pesquisa: como se caracterizou o preconceito contra a pessoa idosa (ageísmo) no contexto da Covid-19? Tendo em vista responder a questão de pesquisa, este estudo teve por objetivo discorrer sobre o preconceito contra pessoas idosas durante a pandemia da Covid-19 a partir de uma revisão narrativa da literatura.

Esta pesquisa é do tipo bibliográfica por ser caracterizada como revisão narrativa da literatura, que se refere a uma investigação de um tema e/ou fenômeno a partir de pesquisa em materiais bibliográficos já publicados, como livros, artigos, dissertações, teses, etc. (GIL, 2017). Além disso, as revisões narrativas “constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor” (ROTHER, 2007, p.1). Para tanto, a revisão narrativa considerou as seguintes etapas, conforme proposta por Gil (2017): delimitação do tema e da questão de pesquisa, definição do objetivo, levantamento preliminar da literatura e a seleção das fontes bibliográficas, seguido da organização do material para a escrita do artigo a partir de temas e tópicos norteadores e relacionados aos objetivos do estudo.

Quanto a sua estrutura, a revisão narrativa pode organizada da seguinte maneira: Introdução, que deve apresentar os objetivos, a relevância do tema e caracterização metodológica; Revisão teórica ou desenvolvimento, que diz respeito ao desenvolvimento dos tópicos sobre tema, conforme a abordagem do assunto; e Considerações Finais e Referências (ROTHER, 2007). Assim, tendo em vista atender ao objetivo da pesquisa, a revisão teórica deste estudo abarcou os seguintes tópicos temáticos: a) Influências culturais e o envelhecer na pós-modernidade; b) Pandemia como cenário catalisador do ageísmo e c) Consequências do ageísmo e o seu enfrentamento. Tais aspectos foram discutidos abaixo.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1. Influências culturais e o envelhecer na pós-modernidade

O envelhecimento é complexo, multifacetado e possui influências diversas, por isso, reduzi-lo a estereótipos e generalizá-lo como período de perdas é tirar do envelhecimento as nuances que possui. Não é possível, portanto, entender a velhice por apenas um recorte cultural ou temporal. Cada cultura fornece uma leitura do desenvolvimento humano e os idosos dessas culturas conseqüentemente vivenciam a velhice de formas distintas. Ao constatar que a velhice não é uma categoria natural, Debert (1998, p. 9) ressalta que são os contextos sociais, históricos e culturais distintos que dão significados particulares às “representações sobre a velhice, à idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, à posição social dos velhos e ao tratamento que lhes é dado pelos mais jovens”.

Para determinadas culturas africanas, o idoso representa sabedoria, conhecimento, experiência, como se pode compreender na célebre frase do poeta Hampaté Bâ, do Mali, o qual insistiu na importância do registro da tradição oral africana: “Na África, cada vez que um ancião morre, é uma biblioteca que queima!” (MARINHO, 2015, p. 46). Já na linguagem, as línguas coreana e japonesa, por exemplo, dispõem de honoríficos específicos para tratar pessoas mais velhas ou mais experientes que o falante, indicando formalidade e respeito. Para os indígenas Guarani-Mbyá, “a pessoa mais velha assume uma função e um papel muito mais relacionado à transmissão da tradição, mas detém um estatuto elevado e respeitado na aldeia” (MARQUES et al, 2015, p. 424), preservando a identidade da comunidade.

Araújo e Carvalho (2005) fazem um percurso que contempla o entendimento da velhice dos gregos e egípcios nas civilizações antigas até os hebreus e chineses. A partir destas concepções iniciais, durante a história, o envelhecimento humano tornou-se uma categoria estudada primeiramente por nomes como Bacon, Descartes e Benjamim Franklin no século XVI, ganhou destaque na pauta das pesquisas científicas no início da década de 1920, depois passou um longo tempo associada a limitações e deficiências, e hoje busca-se fazer um movimento contrário a este último (ARAÚJO; CARVALHO, 2005).

Na atualidade, os autores ainda citam a carta aos anciãos escrita pelo Papa João Paulo II em 1999, declarado Ano Internacional do Idoso, na qual afirma que os idosos

ajudam a contemplar os acontecimentos terrenos com mais sabedoria, porque as vicissitudes os tornaram mais experientes e amadurecidos. Eles são guardiões da memória coletiva e, por isso, intérpretes privilegiados daquele conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social (ARAÚJO; CARVALHO, 2005, p. 230).

Apesar de muitos ainda manterem o idoso nesse lugar de ser amadurecido e sábio (termos que também não devem, por si só, definir toda uma categoria tão plural, uma vez que também criam sobre o idoso expectativas do que deve ser ou não), a vida pós-moderna tende a manter esse olhar de compreensão apenas na teoria, mas falha em colocar na prática. Isto porque o mundo pós-moderno faz exigências ao indivíduo que dependem, inclusive, do quão jovem se é. Debert (1999, p. 79) aponta que “quando o rejuvenescimento se transforma em um novo mercado de consumo, não há lugar para a velhice”.

Sendo assim, mesmo existindo o lugar respeitado que a velhice ocupa em diversas culturas, o movimento atual de supervalorização da juventude e de um estilo de vida ativo em todas as esferas automaticamente exclui o seu oposto – afinal, nesta compreensão, o que não é valorizado torna-se marginalizado. Em contrapartida, existe um outro movimento midiático que incorpora imagens positivas da velhice e, de certa forma, cria uma ponte entre a pessoa idosa e as características da juventude, seja na aparência física, no estilo de vida ou nos desejos. Castro (2015) atrela esse movimento ao que hoje coloca-se como “melhor idade” ou “terceira idade”, uma ideia de envelhecimento “bem-sucedido” que dita qual melhor forma de viver esse período

da vida, uma vez que o idoso já está livre dos criação dos filhos e pode focar em si mesmo.

Para Castro (2015), “a velhice é e sempre foi diversa em termos de como se dão suas vivências e expressões”, e “vetores como gênero, classe socioeconômica, raça ou etnia, orientação sexual, afiliação religiosa, cultura familiar, regional e afins tornam problemático o estabelecimento do velho jovem como único – e paradoxal – modelo socialmente aceito como adequado” (p. 113).

Tendo em vista seu caráter multideterminado, a velhice pode ser reconstruída a partir de aspectos sócio-histórico-culturais, o que nos convoca a olhar sempre para trás a fim de realizar esse movimento de reconstrução. Não obstante, discorrer sobre como as sociedades contemporâneas lidam com o processo de envelhecimento possibilita compreender os novos desafios que a pessoa idosa enfrenta na sociedade pós-moderna, no século XXI.

Seja no dito envelhecimento ativo, na visão de que a velhice precisa ser adiada ou na suposição do idoso como frágil e incapaz, a pós-modernidade dispõe de muitas demandas e, em meio a elas, preconceitos encontram espaço para serem perpetuados nos discursos e nas atitudes. A pandemia da Covid-19 revelou agressivamente o preconceito contra a idade que, na verdade, nunca esteve encoberto.

2.2. Pandemia como cenário catalisador do ageismo

Não demorou muito para que a pandemia da Covid-19 trouxesse à vista a desigualdade social do Brasil sem filtros. É impossível, no Brasil, viver uma crise sanitária de forma igualitária, levando em consideração as diversas realidades atravessadas por inúmeros fatores que nos diferenciam, inclusive, na exposição ao vírus. No tocante à população idosa, essas diferenças ficam bastante evidentes, pois a vivência da velhice, por si só, já não é única. Fala-se em velhices, no plural, para abarcar as várias formas de se envelhecer e viver o envelhecimento.

No início da pandemia, a doença se agravou no dito grupo de risco, do qual os idosos fazem parte. Dourado (2020, p. 156) coloca, porém, que é necessário “considerar quais são os condicionantes individuais e coletivos que expõem ou não os idosos à condição de maior vulnerabilidade para o desenvolvimento da COVID-19”, abrindo a discussão sobre como se configura um “grupo de risco”. Esses

condicionantes indicam, ainda, não só a pluralidade dentro do Brasil, como também o contraste do impacto da pandemia em países diferentes e para os idosos que residem neles. No entanto, há algo em comum: em diversos países, o número de mortes foi, inicialmente, maior entre idosos, o que disseminou a concepção errônea de que o vírus só matava pessoas acima de 60 anos. O ageísmo não demorou para surgir em meio a esses discursos e a esse cenário.

Na Itália, um dos países mais afetados pela Covid-19 na Europa, escolhas precisavam ser feitas em meio à crise, principalmente quando era necessário transferir um paciente para UTI a fim de usar um ventilador pulmonar ou um respirador. Nessas situações, a decisão é tomada, em geral, pelo critério da idade cronológica, que é o fator de risco para resultados negativos mais fácil e rápido de se obter (CESARI; PROIETTI, 2020, p. 576). Porém, os autores Cesari e Proietti (2020) levantam uma discussão sobre o ageísmo nas tomadas de decisões que aconteceram na Itália durante a pandemia e chamam atenção para o preconceito na sociedade e na prática médica, e, apesar de ainda ser cedo para ver grandes mudanças, novas soluções precisam ser estudadas. Sem dúvidas, com o envolvimento da gerontologia, hoje há maior abertura para isso quando comparado com outros períodos da história.

“Quando ouvimos que a decisão de usar o ventilador [pulmonar] para uma pessoa com dificuldade respiratória é baseada na data de seu nascimento, devemos admitir nosso fracasso e perceber quantos problemas a medicina moderna possui – em particular, que, sem nossa contribuição, a medicina moderna pode correr o risco de perder o sentido e o valor da vida humana” (CESARI; PROIETTI, 2020, p. 577).

Se o ageísmo está presente nas internações, não é uma surpresa que esteja presente, também, nas redes sociais virtuais. Soto-Perez-de-Celis (2020, p. 1) constata este fato quando diz que “o preconceito é comum nas redes sociais e tradicionais, e isto aumentou devido à Covid-19, impactando a percepção do público sobre as políticas sociais e econômicas associadas ao envelhecimento”.

Investigando o espaço da internet, Jimenez-Sotomayor et al (2020) realizaram uma avaliação de *tweets* sobre idosos e Covid-19 para identificar conteúdos ageístas. De um total de 362 *tweets* analisados, 50 deles foram categorizados como “piadas/ridicularização”, categoria que possui o seguinte *tweet* representativo: “Chamar a #Covid19 de removedor de Boomer não deveria me fazer rir, mas faz. Sim, vou para o inferno (risos)”. Em contrapartida, Lichtenstein (2020, p. e210), ao debater

o mesmo assunto em seu estudo, chama atenção para relatos escritos no site da Associação Americana de Pessoas Aposentadas (AARP), debates em diversos fóruns sobre isolar idosos, e este relato, em especial, divulgado em uma matéria da ABC News:

Minha neta (19 anos) estava me levando da quimioterapia para casa quando sugeri que ela parasse em uma loja de bebidas para que eu pudesse comprar algumas garrafas de Louis Jadot para o jantar de domingo. Ela tirou minha cadeira de rodas e nós entramos. O balconista olhou para mim e disse a ELA: "você sabe que não é seguro trazer pessoas como ele em público?", como se eu fosse algum "objeto". A preocupação é muito boa, mas não exagere (postado por Thorbecke, 2020).

Além da ridicularização da situação dos chamados “boomers” – ou “baby boomers”, geração nascida após o fim da Segunda Guerra Mundial e que hoje são idosos – presente no *tweet* citado, o relato do homem apresenta outra faceta do ageísmo: a objetificação do idoso e, conseqüentemente, sua invisibilização. O Brasil não está distante dessa realidade. Por aqui, os idosos sofreram, especialmente no início da pandemia, com piadas em todos os lugares que frequentavam e advindas até mesmo de familiares, enquanto na internet os *memes* foram os principais disseminadores do ageísmo recreativo.

Vídeos de idosos “tentando fugir de casa” viralizaram (figura 1), bem como termos como “cata véio” associados a uma imagem de caminhão que recolhe “velhos teimosos” (figura 2). Imagens de pessoas idosas em gaiolas (figura 3) ou vagas de estacionamento onde há a palavra “teimoso” sinalizando o espaço reservado (figura 4) são outros exemplos de piadas recorrentes durante a pandemia. Este tipo de conteúdo é o que alimenta o lado recreativo do ageísmo, que, por ser considerado engraçado na perspectiva de quem compartilha, por vezes passa despercebido entre grupos das redes sociais. Como qualquer outro preconceito, o ageísmo se reinventa, se reconfigura a depender do contexto e, então, é assimilado, perde a carga negativa e não é mais considerado como ofensivo por muitas pessoas, inclusive entre os próprios idosos. Não obstante, trata-se de preconceito, de atitudes hostis em relação à pessoa idosa.

Figura 1: Prints de vídeos de idosos “tentando fugir de casa”



Fonte: Google Imagens.

Figura 2: Meme do “cata véio”



Fonte: Google Imagens.

Figura 3: Meme da gaiola para idoso teimoso



Fonte: Google Imagens.

Figura 4: Meme das novas vagas para idosos



Fonte: Google Imagens.

2.3. Consequências do ageísmo e o seu enfrentamento

O ageísmo possui raízes mais profundas do que aparenta nas atitudes e discursos estereotipados, preconceituosos e discriminadores. O nível individual do ageísmo tem a ver com as opiniões, sobretudo negativas e baseadas em estereótipos, que cada indivíduo tem sobre o processo de envelhecimento; enquanto no nível estrutural, pouco falado, as instituições sociais reforçam o preconceito sistemático contra a idade e contra os idosos (SILVA et al, 2021, p.10).

A revisão integrativa de Silva et al (2021), que buscou analisar o ageísmo na pandemia, observou, a partir de um estudo realizado com idosos na Austrália, que “os indivíduos que sofreram preconceito apresentaram menores escores de autoeficácia e satisfação com a vida, denotando efeitos negativos da discriminação na vida das pessoas idosas” (p.10).

Quando se entende a profundidade de algo que, à primeira vista, parece inofensivo, é hora de agir. Todos os preconceitos impactam negativamente a vida daqueles que são alvo deles, isto é fato, e a tomada de consciência precisa acontecer para que haja um posicionamento de combate ao ageísmo. Apesar de o cenário pandêmico ter sido o potencializador de idadeísmo no Brasil e no mundo, o que a pandemia trouxe não é algo novo, pois já existia e já era nocivo para as pessoas. Diante deste problema, é essencial pensar possibilidades que englobem um combate eficaz ao ageísmo em todos os níveis.

Ehni e Wahl (2020) desenvolveram seis proposições contra o ageísmo na pandemia da Covid-19 para estimular uma resposta à situação atual que respeite as necessidades e a dignidade de pessoas idosas. A primeira delas coloca que os adultos mais velhos são altamente heterogêneos e por isso a idade cronológica sozinha é uma variável ineficaz para prever com precisão os comportamentos, necessidades, desempenho, perda de função, doença e comorbidade. Em concordância, Silva et al (2021), analisando os estudos selecionados na revisão integrativa, afirmam que, “embora seja observada relação entre a presença de doenças crônicas e a idade, ser cronologicamente idoso não significa ser vulnerável, em estado precário de saúde ou menos valioso” (p. 10).

A segunda proposição é a de que limites de idade para cuidados intensivos e outras formas de cuidados médicos são inapropriados e antiéticos, algo que Cesari e

Proietti (2020) também criticam em sua publicação. Já a terceira proposição diz respeito às visões negativas da velhice que estão ganhando mais força atualmente e são perigosas tanto para os cidadãos mais velhos quanto para as sociedades em geral. Por isso, sugere-se o fortalecimento da solidariedade intergeracional (EHNI; WAHL, 2020), uma vez que, no futuro, a representação negativa do envelhecimento e dos idosos pode afetar o processo de envelhecimento dos jovens, os quais também internalizam mensagens negativas e estereótipos sobre a velhice no contexto da pandemia atual (AYALON et al, 2020).

A quarta proposição é resistir à suposição de uma atitude paternalista em relação aos idosos, o que está diretamente ligado a evitar dizer o que eles podem ou não fazer. A quinta é a proposição de que a crise da Covid-19 exige o uso de tecnologias modernas da informação e comunicação entre os idosos, o que demanda a necessidade de se pensar e providenciar esse acesso. Por fim, a sexta proposição: a crise do Covid-19 não exige apenas o melhor da virologia, como também o melhor da gerontologia para orientação política e a compreensão das consequências da crise em geral, a fim de apoiar sua qualidade de vida e prevenir danos permanentes (EHNI; WAHL, 2020).

Já Soto-Perez-de-Celis (2020, p. 2) desenvolveu um quadro no qual apresenta sugestões de medidas que deveriam ser tomadas para combater o preconceito etário, especialmente nas redes sociais. Para ele, os idosos usuários das redes poderiam: a) tornarem-se usuários ativos, b) gerar e compartilhar conteúdo, c) envolverem-se em interações e grupos nas redes sociais. Já as organizações e mídia: a) transmitir informações relevantes ao público, b) melhorar o acesso de serviços online para idosos, c) evitar rótulos, usar linguagem inclusiva. Por sua vez, os políticos e governos podem: a) fornecer uma imagem não distorcida do impacto da pandemia, b) fomentar o envolvimento e a solidariedade da comunidade, c) monitorar e enfrentar a violência e o abuso. Por último, os prestadores de cuidados em saúde podem colaborar no sentido de: a) criar e manter uma presença profissional nas mídias sociais, b) transmitir mensagens positivas sobre o envelhecimento, c) envolver-se na desmistificação de mitos e verificação de fatos.

Levando em consideração o caráter estrutural do ageísmo, essas medidas e muitas outras podem ser fundamentais para o combate eficaz. A educação é a base para a construção de indivíduos críticos e respeitosos, que compreendam a

complexidade da sociedade pós-moderna, mas não se acomodam com os preconceitos que não os atingem. Políticas públicas também são um dos principais vetores de mudança quando se trata do idadismo, pois uma política de proteção aos idosos que funcione na prática pode resguardá-los e garantir maior segurança em situações que, por vezes, os escapam. Vale questionar, ainda, por que as políticas públicas em relação às pessoas idosas ainda são pouco evidenciadas no Brasil, um país com crescente população acima de 60 anos e com significativo número de pessoas idosas na gestão governamental.

Além disso, o mercado de trabalho ainda precisa se abrir para pessoas com mais idade. A tendência, atualmente, é a supervalorização dos mais jovens em empresas, seja para preencher vagas de emprego ou de estágio, porque representam para as organizações o oposto do que o idoso representa – geralmente com base em estereótipos de que chegaram ao final do ciclo produtivo, de que são inflexíveis, não são dinâmicos ou não conseguem lidar com novas tecnologias (SILVA; HELAL, 2019). E, enfim, ter a ciência como aliada para o desenvolvimento de novos estudos e pesquisas que desmistifiquem cada vez mais as concepções errôneas acerca da velhice e do envelhecimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos aspectos perpassam o envelhecimento humano, principalmente enquanto categoria sócio-histórica-cultural. No Brasil, as pessoas idosas vivenciam a velhice de formas distintas, a depender dos fatores que as atravessam, e é por isso que a experiência do período de pandemia não poderia ser igual para todos. Porém, o que ganhou visibilidade em vários países do mundo, ao analisar-se estudos recentes, foi o crescente preconceito etário contra idosos ou ageismo. Seja em discursos, atitudes, posicionamentos ou piadas, a Covid-19 ressaltou este tipo de preconceito que já estava presente na sociedade, mas que se reconfigurou e se reconfigura a depender do contexto.

Neste estudo pôde-se observar algumas formas através das quais o ageismo se reconstruiu no período de pandemia, no qual os idosos foram convertidos em grupo de risco e tornaram-se alvos de preconceito em várias instâncias – do atendimento médico às mídias sociais. Há ainda outros níveis de discriminação, como a agressão

física, que também ganharam espaço em alguns lugares. Diante disso, torna-se cada vez mais importante questionar e desenvolver novas possibilidades para combater o ageísmo em todos os contextos, uma vez que os estudos apontam os efeitos negativos do preconceito na saúde mental da pessoa discriminada.

Para tanto, proposições relacionadas a redes sociais, educação, políticas públicas, mercado de trabalho e ciência podem ser avaliadas e desenvolvidas a fim de dar visibilidade à problemática do ageísmo, o qual, por ser estrutural, consegue ser assimilado no discurso até “perder” seu caráter pejorativo para muitos. Pensar o ageísmo é, além de tudo, encontrar novas formas de combatê-lo e maneiras eficazes de garantir aos idosos sua segurança, dignidade, respeito e acesso aos direitos. Tendo em vista a relevância e atualidade do tema, sugerem-se novas pesquisas que contemplem as velhices plurais nas regiões brasileiras, suas potencialidades e dificuldades, para assim compreender e combater o ageísmo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, V. A. M. L. Aspectos Sócio-Históricos e Psicológicos da Velhice. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 6, n. 13, p. 228-236, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/278/254>. Acesso em 26 abr. 2021.

AYALON, L. et al. Aging in Times of the COVID-19 Pandemic: Avoiding Ageism and Fostering Intergenerational Solidarity. **J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci**, v. XX, n. XX, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://academic.oup.com/psychsocgerontology/article/76/2/e49/5820621>. Acesso em 05 mai. 2021.

BARBOSA, I. R. et al. Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. **Rev. Bras. Geriatr. Geront.**, v. 23, n. 1, p. 1-11, 2020. Disponível em: https://www.rbqg.com.br/edicoes/v23n1/RBGG%20v23n1%20PORT_2020-0171.pdf. Acesso em 03 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial 63** [Internet], 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/maio/21/boletim_epidemiologico_covid_63_final_21maio.pdf. Acesso em 25 mai. 2021.

CASTRO, G. G. S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. **Comunicação & Educação**, v. 20, n. 2, p. 101-114, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/102306>. Acesso em 27 abr. 2021.

CESARI, M.; PROIETTI, M. COVID-19 in Italy: Ageism and Decision Making in a Pandemic. **JAMDA**, v. 21, n. 5, p. 576-577, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7118618/pdf/main.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2021.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, G. G. **A antropologia e a velhice - Textos Didáticos**, 2ª ed., v. 1, n. 13, Campinas, IFCH/Unicamp, p. 7-27, 1998. Disponível em: <http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/td13-guita.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021.

DEBERT, G. G. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, n. 42, p. 70-83, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456>. Acesso em 26 abr. 2021.

DOURADO, S. P. C. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, v. 29, n. supl., p. 153-162, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/169970/162659>. Acesso em 03 mai. 2021.

FERNANDES-ELOI, J; SILVA, A. M. S.; SILVA, J. Ageísmo: Percepção de Pessoas Idosas Usuárias do Cras. **Revista Subjetividades**, v. 20 n. Especial 1, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e8945>. Acesso em: 17 abr. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

JIMENEZ-SOTOMAYOR, M. R.; GOMEZ-MORENO, C.; SOTO-PEREZ-DE-CELIS, E. Coronavirus, Ageism, and Twitter: An Evaluation of Tweets about Older Adults and COVID-19. **The American Geriatrics Society**, v. 68, n. 8, p. 1661-1665, 2020. Disponível em: <https://agsjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jgs.16508>. Acesso em 03 mai. 2021.

LICHTENSTEIN, B. From “Coffin Dodger” to “Boomer Remover”: Outbreaks of Ageism in Three Countries With Divergent Approaches to Coronavirus Control. **The Journals of Gerontology: Series B**, v. 76, n. 4, p. e206-e212, 2021. Disponível em: <https://academic.oup.com/psychsocgerontology/article/76/4/e206/5877080>. Acesso em 03 mai. 2021.

MARINHO, M. M. **Traduções comentadas de três contos orais africanos coletados por Amadou Hampâté Bâ**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135483>. Acesso em 27 mai 2021.

MARQUES, F. D.; SOUSA, L. M.; VIZZOTTO, M. M.; BONFIM, T. E. A vivência dos mais velhos em uma comunidade indígena Guarani Mbyá. **Psicol. Soc.**, n. 27, v. 2, p. 415-427, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Z5BCPwNKb9nC4RJ6Lb8pCQS/?lang=pt>. Acesso em 27 mai. 2021.

Organização Pan-americana de Saúde (OPAS/OMS). **Folha informativa COVID-19** – Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 03 set. 2020.

Organização Pan-americana de Saúde (OPAS/OMS). **OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus**. Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Brasil, 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6100:oms-declara-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-em-relacao-a-novo-coronavirus&Itemid=812. Acesso em 17 abr. 2021.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta paulista de enfermagem, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SILVA, M. F. et al. Ageismo contra idosos no contexto da pandemia da covid-19: uma revisão integrativa. **Rev. Saúde Pública**, v. 55, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2021.v55/4/pt>. Acesso em 05 mai. 2021.

SILVA, R. A.; HELAL, D. H. Ageismo nas Organizações: Questões para Debate. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 187-197, 2019. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/raimed/article/view/3167/2215>. Acesso em 05 mai. 2021.

SOTO-PEREZ-DE-CELIS, E. Social media, ageism, and older adults during the COVID-19 pandemic. **EClinicalMedicine**, v. 29, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7677091/pdf/main.pdf>. Acesso em 03 mai. 2021.

VELHO, F. D.; HERÉDIA, V. B. M. O idoso em quarentena e o impacto da tecnologia em sua vida. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 3 (Especial Covid-19), p. 1-14, 2020. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8903/pdf>. Acesso em 17 abr. 2021.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo amor e graça constantes.

À minha família, que me apoiou todos os dias. Nunca duvidaram da minha escolha por Psicologia e acreditaram em mim.

À minha mãe e ao meu pai, que me incentivaram a estudar desde cedo e nunca mediram esforços para me proporcionar as melhores experiências na educação.

À minha vó Margarida, que também cuidou de mim desde que nasci e em cuja casa passo mais tempo do que na minha.

À minha tia Adeilma, que, pela pouca diferença de idade, nem parece tia. Grande parte do que aprendi vem das nossas conversas.

À minha tia Rejane, que me deu meus primeiros livrinhos (e muitos outros), e foi assim que me apaixonei pela leitura.

À minha tia Adriana e minhas primas, que deixam meus dias mais animados.

Às minhas amigas e amigos, pelo incentivo, pelos momentos compartilhados e pela sinceridade na nossa amizade.

À minha orientadora, Josevânia da Silva, por ter caminhado comigo e por ter me ensinado desde o primeiro dia que entrou naquela sala.

Aos professores e à turma incrível da qual fiz parte, que estiveram presentes durante a minha caminhada na UEPB, por todo o conhecimento que me passaram.

A todos que cruzaram meu caminho e, de uma forma ou de outra, marcaram minha vida. É um privilégio ser atravessada por cada pessoa e por cada história. Todos vocês são importantes para mim.